botocuda

Ano 1 Nº 2 Junho De 2005 - R$ 2,98

idéias - cultura - ecologia

tem cabeça de jegue enterrada em t. otoni?

o professor cristiano ottoni esclarece esta dúvida

Zeca Baleiro
conheça o poeta que vai cantar
na cidade pela primeira vez

em t. o. uma adega européia
com destilado brasileiríssimo

ronaldo sander continua a pesquisa
sobre a produção musical da cidade

estréia mais um colaborador
na última página

ricardo loufti, fernando martins, sérgio abdulah, igor sorel e os atchins continuam metendo o bedelho aonde não são chamados

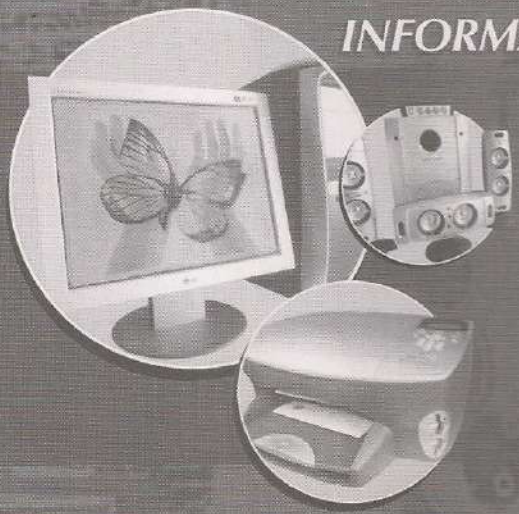
Soluções
com
qualidade

PHAL

INFORMÁTICA E PAPELARIA

PAPELARIA

INFORMÁTICA



EQUIPAMENTOS

ADQUIRA AQUI
SEU VELOX

nesta edição

- editorial
- cartas
- escrita..... josé arthur boesf
- musicando.....zeca baleiro
- lugares.....sérgio abdulah
- escrita.....terezinha m. de carvalho
- opinião.....márcio achtshim
- opinião.....fernando martins
- entrevista.....cristiano ottoni
- arquivo.....igor sorel
- pesquisa.....ronaldo sander
- escrita.....fred pula moita
- pilulas
- musicando.....anaisa fernandes corrêa
- última página

Capa: Luciano Eugênio
composição gráfica: msreis

Botocuda é uma publicação bimestral, independente e sem fins lucrativos.
Projeto gráfico: Rose Publicidade
Edição: Sérgio Abdulah
Supervisão: Fernando Martins
Revisão: Beth Joeing
Colaboradores: Ricardo Loufti, Ronaldo Sander, Igor Sorel, Jonny Ribeiro, Cássio Ribas, Cresso Marcinsky e Márcio Atschim
Contato publicitário: Marta Kazuko
Endereço para correspondência:
Rua Dr Manoel Esteves, 401 - Teófilo Otoni MG Fone: 3522-5930
botocuda@hotmail.com
Impressão: Artes Gráficas MODELO

A revista não se responsabiliza por conceitos emitidos pelos artigos assinados.

botocuda

Depois de incansáveis reuniões o nobre conselho editorial da botocuda fechou a questão: vai sair a numero dois. É caminho sem volta. Não podemos desapontar os cinco leitores que nos enviaram mensagens carinhosas de apoio. Já não é mais relevante que a inadimplência com a gráfica perdure e que algumas pessoas não entendam porque apelidar uma publicação com um nome singularmente feio como "botocuda". A distribuição irregular também surtiu críticas. "Por que fulano recebeu e eu não?" Relevamos tais questões, vamos na teima para vencer pelo cansaço. É assim que criaremos e recriaremos a botocuda, sem medo de dar com a cara no chão

Mais elaborada que a primeira , esta edição vem com menos erros e falhas técnicas. Os leves defeitos da estréia sofreram pequenos reparos e acreditamos que a publicação se aprimorou.

Para a capa deste número escolhemos um mito que nos persegue há décadas: a tal cabeça de jeque está enterrada em t.otoni? Ou o atraso que nos aflige é fruto da nossa incompetência, da indolência ou ingenuidade para escolher nossos governantes? Para esclarecer melhor a questão **botocuda** entrevistou o Professor Cristiano Ottoni da Unileste, coordenador do Plano Diretor Municipal e profundo conhecedor da problemática de munícipios com características semelhantes às de nossa cidade.

Ronaldo Sander continua com sua incansável pesquisa sobre a produção musical de T. Otoni, Ricardo Loufti apresenta zeca baleiro para quem ainda não o conhece. Revelamos, ainda, uma charmosa descoberta etílica cultivada por quem entende do metier. E, há também, a estréia de um novo colaborador na última página. O resto do time continua botando prá quebrar.

Saudações botocudas.

Sérgio Abdulah

cartas, e-mails, recados e broncas

...parabéns a toda turma da revista botocuda e sucesso no enriquecimento da nossa cultura.
Therezinha Mello de Carvalho - Poeta - Teófilo Otoni

Obrigado d. therezinha. sem consulta-la publicamos uns versos seus.

...uma revista mal feita, sem substância e completamente equivocada. Não entendo o que Ricardo Louft está fazendo aí.
Cláudia Shuffner - Jornalista - RJ

Que isto Claudinha, só porque atua no rio vem desfazer de nós, provincianos. Contamos com sua colaboração em breve.

Que sejam bem vindos. É mais uma força para o resgate artístico e cultural de nossa cidade. Tomara que saia logo o próximo número.
Cristiano Salazar - Músico e produtor do programa Tv da gente - T. Otoni

Valeu Salazar, demorou mas saiu.

Gostei muito. Parabéns pela iniciativa. Valeu pela homenagem, mas no próximo número mande-me um dicionário. Tem um maluco aí que escreve difícil prá caramba.
Bira do Aeroporto - T.Otoni

Prepare os espetinhos e põe a brahma prá gelar, meu chapa. já compramos o aurélio.

Sou barachel em Ciências Sociais e achei muito interessante a revista, principalmente a pesquisa sobre nossos ancestrais, os botocudos. Mas surgiu uma dúvida: por quê as revistas de T.O. só trazem padres na capa?
Aderbal Flávio de Araújo - Comerciante - T. Otoni

Caríssimo Aderbal, se você prestar atenção na entrevista perceberá que a proposta da botocuda foi conversar com o maestro e professor L. Lavall. Mas já estamos providenciando para o próximo número um pastor ou um pai de santo.
Obrigado.

Adorei a proposta de resgatar a história da cidade.
Joana - Jornalista BH
Valeu Joaninha, contamos com a sua colaboração e breve.

Faça sua marca crescer. Anuncie em out door.

Rose
publicidade

abrose@uol.com.br

O que te move ... (Tutto si muove)

O que obscena aquela moça, entre o complicado e o fútil, entre o amplexo e o inútil, cabeça baixa para o poste que se candidata, como tantos, ao horário mais barato do motel...

O que satisfaz àquela santa, entre a cruz e o que encanta, sob o ranger do assoalho, no que te cabe eu me embaralho, fazendo pose, como poucos, ao camarote reservado num naco de céu...

O que te permite, se sai caro ou se desiste, se filiar ou comprar alpiste, remissão para todo pecado, vacina o teu que este é pro meu fado, cheira a cola que tudo aqui é breu...

O que vale a pena, se o emplastro ou a gangrena, o show da vida ou a tela furada do cinema, empresta o teu poema que ela promete que te devolve amargo, você fez tudo e deu no que deu ...

O que nos cura, a padroeira ou o Prozac, a bala perdida no Boiadeiro ou a cabeça voando no Iraque, o raciocínio lógico integrado ou dez mandamentos de auto-ajuda, o pastel de vento estragado ou só reza braba com arruda ...

O que te comove, a novela das oito ou língua de sogra, a sinecura almejada ou um juiz de toga, assinatura de cheque ou um cachorro perdido, atiraste uma pedra, perdeste um amigo...

O que te tece em teias de vinil, qual o último ano em que a Caninha Verde saiu, é Wanderley Cardoso uma invenção de Geraldo Nunes ou o bom rapaz é uma reinvenção do Brasil ?...

O que interage, o custo de vida ou quem se fode, o teu time perdeu ou o cão que ladra mas morde, ninguém quer te ver nem pintado, calado!, você não tem mais opção ...

Mas o que foi que te deu, nem lambe mais o prato do bicho que te mordeu, das bodas de ouro, já se esqueceu ("- quem manda aqui sou eu!?!...")...

Só vim fazer uma visitinha, rápida como uma linha, furtiva feito um fura-filas, só prá saber como vai passando, ué, já passou ? Tinha, mas acabou... Se precisar de alguma coisa, é só emendar ...
Quem ama a mãe mata, o chinelo tem medo da barata, de olho na cidade, ela arregalou: que tragédia, que horror ! Você vai na rua? Então me compra um guarda-chuva e um cobertor...

O que é que cê tem com isso ?, olha por onde você anda, sabe com quem está falando, aquilo não lhe diz respeito, mas a quem possa interessar, assunto fechado, negócio feito, acima de nóis, só Deus, e o buraco na camada de Ozônio...

Agora levanta, calça as chinelas, abre estas janelas. E então escuta:
(ssshhhhhhhhhh...)
O que te move ?...

ZECA BALEIRO

A nova mpb visita T. Otoni

Na década de 80, José Ribamar, um estudante de Agronomia, em São Luiz do Maranhão, tinha o hábito de andar cheio de doces e guloseimas no bolso que sempre compartilhava com os colegas. Daí surgiu o apelido "Baleiro" que nunca mais o abandonou.

O maranhense Zeca Baleiro surgiu nacionalmente no show acústico de Gal Costa feito para MTV em 1997. Gal tinha ouvido a versão que ele tinha feito para a canção Vapor Barato, antigo sucesso de Gal, e resolveu chamá-lo para o show.

No mesmo ano lança seu primeiro disco "Por onde andará Stephen Fry" em que se revela um artista no mínimo curioso: é um disco que traz múltiplas referências, desde a faixa título que cita o comediante inglês e mistura frases em inglês e português, à divertida "Heavy Metal do Senhor", o pagode "Kid Vinyl" e finalmente baladas melódicas como "Flor de pele", "Bandeira" e "Skap". O disco é bem recebido pela crítica e em 98 ganha o prêmio Sharp de melhor disco e melhor música com "Bandeira". Devido à dificuldade da crítica em classificá-lo é chamado de "neotropicalista".

No seu segundo disco "Vou imbola" (1999) novamente aparece um leque de referências: uma versão da divertida "Pagode Russo" de Luís Gonzaga, "Disritmia" de Martinho da Vila e "Tem que acontecer" de Sérgio Sampaio. Das composições próprias destaca-se a faixa título que tem o estilo concreto de Tom Zé, a melódica "Lenha" e novamente um pagode bem humorado com "Samba do Approach" que conta com a participação de Zeca Pagodinho. E finaliza com "Não tenho tempo" onde mistura Baudelaire, Macalé, Luis Melodia, Waly Salomão e Itamar Assumpção. O disco desfila rap, samba, baladas, eletrônico e música de raiz com muita naturalidade.

Em 2000 faz um disco mais temático, "Líricas", onde as 12 faixas têm um arranjo no mesmo clima, com instrumentos acústicos, predomínio de cordas e temas que variam do romântico ("Minha casa", "Comigo", "Quase nada") ao irônico ("Babylon", "Você só pensa em grana"). A única versão do disco é "Proibida pra mim" do grupo Carlie Brown Jr. que aqui adquire uma perspectiva romântica. Para aqueles que preferem a veia romântica do compositor este é o disco mais interessante.

Paralelamente participa de vários projetos: produz discos de cantoras iniciantes como Ceumar, Patrícia Amaral, Vange Milliet e o disco em homenagem ao compositor maranhense Antônio Vieira. Participa do disco de Adriana Maciel, Mano Borges, Rita Ribeiro, Paulo Moska, dentre outros.

Com o disco "Pet Shop, Mundo Cão" (2004) volta com a mistureba habitual e temas atuais como em "O Hacker", "Drumenbeis", "Minha tribo sou eu", as melódicas "Um filho e um cachorro" e "Fiz esta canção"; a ironia de "Vou despedir meu patrão" e "Mundo de Negócios", o rap "As meninas dos jardins", o reggae eletrônico "Guru da galera" e o samba-enredo versão mix "Filho da véia". É um disco mais sólido do que os dois primeiros e a confirmação do rótulo "neotropicalista".

O último trabalho do compositor, feito em parceria com Fagner se chama "Daqui prá lá, de lá pra cá" e conta com vários parceiros (Fausto Nilo, Sérgio Natureza, Celso Borges, Torquato Neto). Devido à variedade de compositores tem um estilo que fica no meio do caminho entre um disco de Baleiro e de Fagner, com destaque para "Canhoteiro", "Dezembros" e a faixa título.

Após cinco discos lançados José Ribamar continua distribuindo doces, recheados de melodia e lirismo, para seus milhares de amigos.

para que levar celular?

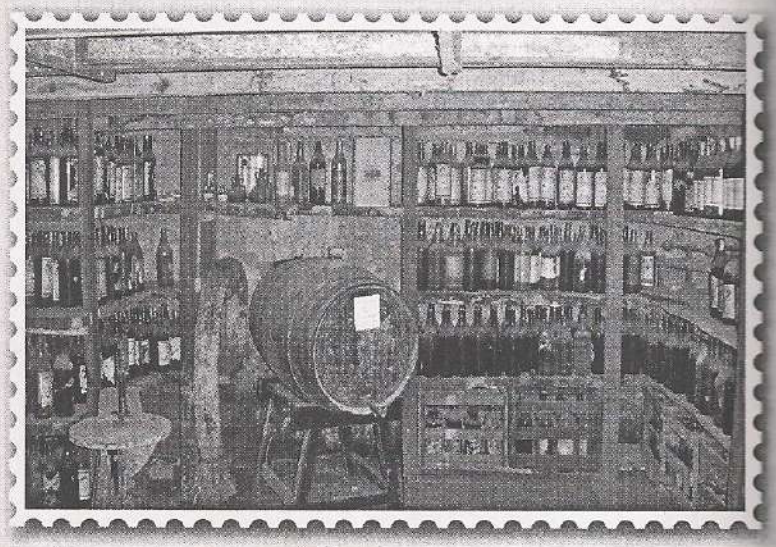
Um oásis para os sentidos. Imponente, com estilo e ao mesmo tempo simples a casa é delicadamente preservada. Apercebemos logo que nos encontramos em uma atmosfera rarefeita. O anfitrião dispensa comentários. O pedigree já vem estampado no sorriso. Civilização é assim: é sedimentada pelo gosto em cultivar pequenas coisas que traz prazer. Que facilita o execício da vida. São estas descobertas que nos traz algum alento e nos permite acreditar que neste mundo insano ainda existem algumas boas surpresas ocultas. Num daqueles lugares que transpira serenidade a conversa é permeada por piadas sacanas, aventuras indiscretas na praia, caçadas, pescarias e sorte no garimpo.

Uma radiola cinquentenária pontua a prosa com clássicos da velha guarda da mpb.Tão estropiada hoje, que lá de cima os velhos mestres com certeza, abençoam este pequeno templo de veneração. Mas é a cachaça a pauta oficial. Discutida com carinho e absoluta franqueza pelos titulares do patrimônio líquido. Os diletantes ouvem com prazer. A degustação é um deleite. Cada garrafa tem uma história, cada safra um detalhe especial. É a pura cachaça de nossa região. Muito longe daqueles produtos combustíveis de supermercado com tampinha metálica. É a aguardente de cana, blend mineiro destilado com perícia, embarrilada com carinho na madeira correta e com a parcimônia necessária para esperar maturar e desaparecer com os demônios causadores da ressaca. Digna de ser exportada para as melhores mesas do mundo.

De tempos em tempos uma cuia pousa por sobre a mesa. Um belisquete para acompanhar os aperitivos. Elisete, Jamelão e cia sussurram enquanto a tarde sumindo tranquila, traz uma melancólica alegria de prazer cumprido. Os convivas vão se dispersando aos poucos.

Volto prá casa matutando. Os gregos e romanos tinham deuses que protegiam o trigo, as uvas, as pessoas bacanas etc, etc... será que nossos botocudos também veneravam divindades protetoras da cana de açúcar, mandioca, das pessoas bacanas, etc, etc... ? Tomara.

Vida longa e prosperidade Mr Bob...



O Patrimônio líquido dos Levick

palavras são como nascentes

sempre se renovam.

palavra é ponte,

é fio que tece a história do homem,

como colcha de retalhos.

nas esquinas da palavra

o homem tropeça ou acerta.

palavra tem força e magia.

se bem usada pelo homem,

vira poesia.

Logo que entrei
no quarto ele disse:

"eu já
reconheço
seus passos.
sei que
é você
antes
mesmo
de voce
chegar.
E isto
aumenta
minha
vontade
de ficarmos
juntos".
Ficamos juntos

Sapatos da Corte

glamour & emoção

Getúlio Vargas, 807 - 3522.7506

De jegue não, mas de bagre sim

Se existe uma cabeça de jegue enterrada na cidade, não sei. Certo é a existência de muita cabeça de bagre por sobre a cidade. As críticas que chegaram ao meu conhecimento do número um da Botocuda é de quem realmente não compreendeu a proposta da revista e gostaria de ratificar o que se pretende dentro de dois focos : a questão técnica do jornalismo e os índios botocudos.

Mesmo com todo cuidado, o enfoque maior está atrelado a uma publicação independente, capaz de oferecer uma alternativa no pensar, uma quase provocação ao jornalismo tradicional. É uma maneira de acreditar que se pode trazer temas locais de forma a não imbecilizar o leitor, recusando a levar como matéria de primeira página a conquista do diploma de boas maneiras e etiqueta conseguido em Campos do Jordão pela meiga e simpática fulaninha, filha de tradicional família da nossa terra botocuda. Foi fugindo de receitas que se produziu o Modernismo, a Bossa-nova ou o Tropicalismo. Mais do que qualquer outra coisa, o que se precisa buscar hoje são caminhos próprios, localizar referenciais sufocados por esta elite carcomida que controlou as instituições e o modo de pensar e que lamenta agora os bons tempos que ela construiu e dialeticamente implodiu.

Quanto aos índios botocudos, bem sabemos que esta é uma expressão criada pelos "bandeirantes modernos" do século XIX, que não se pode enxugar a complexidade dos primeiros habitantes do Mucuri. Mas a nossa questão é outra, foge ao discurso panfletário dos puristas. O que desejei primeiramente foi reproduzir um texto de um ensaísta local, Godofredo Ferreira, que fazia sua leitura, tradicional ou não, dos nativos, sem pretensão de estar enquadrado na cartilha politicamente correta. É uma leitura obrigatória para quem de mais interesse em relação à cidade. Tem uma passagem, que não resisto em reproduzir : "Um parenthesis. Em frente à rua da Matriz estava o porto aonde as lavadeiras do tempo de minha menenice exerciam o seu mistér. Entre ellas, - o que causava enorme escândalo, naquella época de uma moral melindrossima apesar das cicatrizes que, quando em quando, lhe faziam os mesmissimos Catões que pregavam, - era personna gratissima um lavadeiro um authentico representante do sexo-feio. O Zé de Calú, que mettido por entre o mulherio, lhe fazia terrível concurrencia que o sexo gentil parecia supportar satisfeito, aliás, - usurpando uma profissão privativa quasi ainda agora, 'SAIAS'. O Zé do Calú era um latagão forte. Espadaúdo. Um homem!". Era um viado em pleno século XIX! É esta história que se propõe rever, tanto o pouco que se produziu oficialmente quanto a que se escondeu debaixo do tapete, sem a menor intenção de levantar bandeira para um mundo cristão cheio de piedade e de culpa. Botocuda identifica o que está querendo se resgatar, dá o perfil do que se construiu ao longo dos cento e tantos anos de história, uma sociedade que nasceu e se produziu Macunaíma e agora não se sabe o que fazer dela. Os olhares devem ser múltiplos, com nossas possibilidades de expressões regionais, abrindo espaço para a superação do estado de despersonificação. Estão na mesma canoa tanto aquele decadente que herdou meia dúzia de imóveis no centro da cidade e uma casa em Alcobaça quanto o que deu um cacete no seu filho e lhe roubou o tênis da Nike. É a diversidade "desafinando o coro dos contentes", seja da dita esquerda ou dos obscuros conservadores. Todos passam na rua Direita.

A invasão dos piratas (parte II)

Quem explica a origem da pirataria? Pra mim toda ela é um reflexo da primeira grande pirataria que houve no Brasil. Aquela que começou em 1500. Quem veio não pensava em outra coisa se não retirar daqui tudo que tivesse algum valor.

Esse extrativismo secular continua. Ao longo do tempo só mudou a bandeira de opressor e suas armas invisíveis aos olhos da justiça. Moldaram o país em cima de dogmas que não são nossos. Os alimentos físicos e da alma tentaram nos fazer engolir. Os modos de vestir e pensar, as formas de aprender. Nem mesmo o impalpável foi poupado: fomos catequizados. E esse foi o melhor caminho, pois nem tudo se acalma, tudo tem explicação.

Mas apesar e acima de tudo sempre houve a tal brasilidade. O universo genuíno só é encontrado aqui e que ninguém consegue roubar. Descobrimos o valor de nosso ouro. E como já não o temos criamos um novo, o ouro pirata. Ele está em todo lugar. Na comida que muda de nome para ser engolida. Na roupa que a feira deixa mais barata porque pirata é até a etiqueta.. Na música que é colhida livremente graças à cibernética. Na religião que se multiplicou em seus credos. Nas terras que são muitas e invadidas pela nova ordem do campo.

De forma inexorável, a democracia espelha em si o resultado das eras em que se disfarçou de justa, para depois se revelar numa imposição do forte sobre o fraco, sob a visão do capital. A Pirataria acaba sendo um reflexo dessa armadilha, e vêm como um movimento reverso que ilegalmente democratiza as relações humanas.

Agosto/05

um roteiro completo
dos melhores botecos
e dos tira-gostos mais
saborosos de t.otoni

sabor
de boteco

Premiação para:
melhor boteco
melhor tira-gosto
melhor atendimento

Realização
botocuda

PROGRAMA
TV DA GENTE

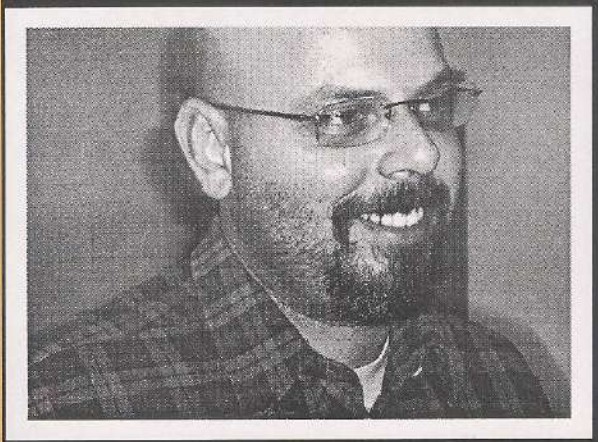
Apoio
CDL
TEÓFILO OTONI

botocuda@hotmail.com

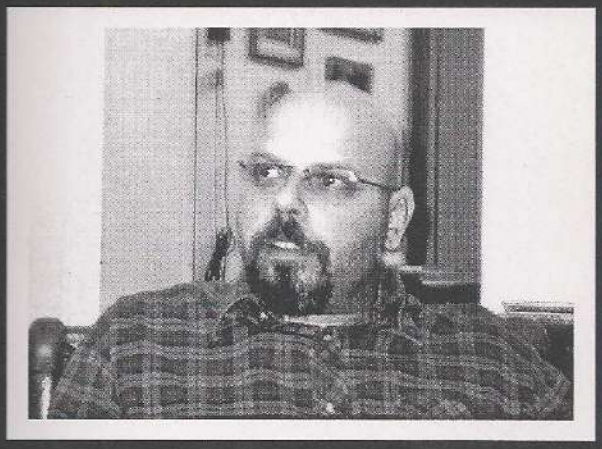
O sobrenome dispensa apresentações ao mesmo tempo que é objeto de crítica de nosso entrevistado. CRISTIANO OTTONI abomina aquela perguntinha infame: "*de que família você é?*". Ele afirma que este provincianismo arcaico aliado a um conservadorismo inerte é um dos fatores que causaram o empobrecimento do município. Cristianoi tem 43 anos é casado, tem uma filha e reside em Belo Horizonte. É Arquiteto Urbanista e Mestre em Geografia pela PUC-MINAS na área de planejamento regional. Trabalhou como consultor em vários órgãos ambientais e de planejamento no âmbito estadual. É professor de Planejamento Urbano e Regional na Escola de Arquitetura da UNILESTE, no Vale do Aço. Presta também consultoria à Prefeitura de T. Otoni., onde coordenará a implantação do Plano Diretor. Cristiano diz que nasceu em Salvador "*por acidente de percurso*" , mas confessa que T. Otoni é sua "*verdadeira pátria*". O que comprovamos ao entrevistá-lo. Discute os problemas da cidade com interesse vibrante e profundo conhecimento da matéria. Munido de dados, estatísticas e leis mostra com clareza as problemáticas da cidade e os gargalos que impedem seu desenvolvimento. Aponta o personalismo exacerbado dos governantes e seus projetos equivocados como causas principais do nosso atraso. E ainda afirma que seriam nescessários três ou quatro mandatos para revitalizar o aparellhamento urbano, requalificar os profissionais da gestão pública, e extinguir de vez o mito da cabeça de jegue. Pois as condições para crescer, T. Otoni as possue. Vamos conhecê-las.

Qual é a real situação sócio-econômica de TO hoje?

A situação sócio-econômica de TO hoje apresenta um quadro, sob muitos aspectos, paradoxal. Apesar da cidade apresentar ainda certa pujança sócio econômica isto se deve mais a sua história de ocupação e colonização e seu ótimo posicionamento geográfico e estratégico, do que a algum tipo de iniciativa de desenvolvimento sócio-político eventualmente proposto. O fato de TO ser centro regional, sendo acessada por cerca de 70 municípios tanto do vale do Jequitinhonha quanto do Mucuri, só nos revela que o aparelho regional e os equipamentos urbanos da cidade estão muito aquém da sua real capacidade e potencialidade que poderia ser o dobro do que é hoje sem sustos. TO se encontra em processo de estagnação hoje por inépcia e opção da própria cidade. Considerando a cidade como um organismo vivo, ela vive e sofre as consequências de suas escolhas de outrora. A cidade vive uma perda substancial do simbólico estrutural local e regional, tomando feições de terra de ninguém, porque optou por não proteger sua memória e esquecer de sua própria história que é maravilhosa, pitoresca, utópica, corajosa e única. A cidade vive hoje uma crise econômica profunda porque apostou em projetos econômicos mal planejados, arrogantes, fragmentados e personalistas em detrimento de um desenvolvimento econômico mais abrangente e mais coletivizado e quando falo de coletivo não falo da dimensão ingênua do socialismo utópico e de um "esquerdismo" ingênuo e "demodé", falo de responsabilidade e compromisso social absolutamente atual e urgente.



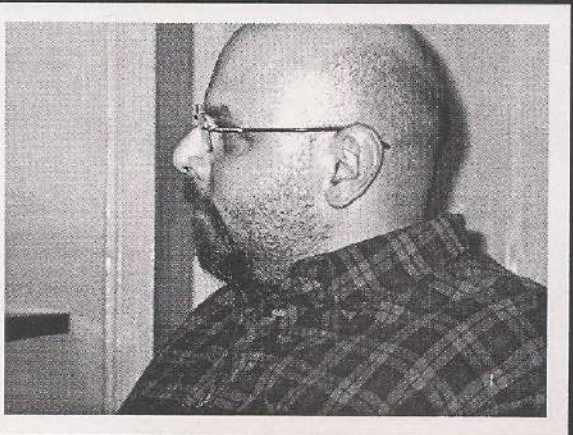
O que podemos afirmar é que certamente a cidade não vive

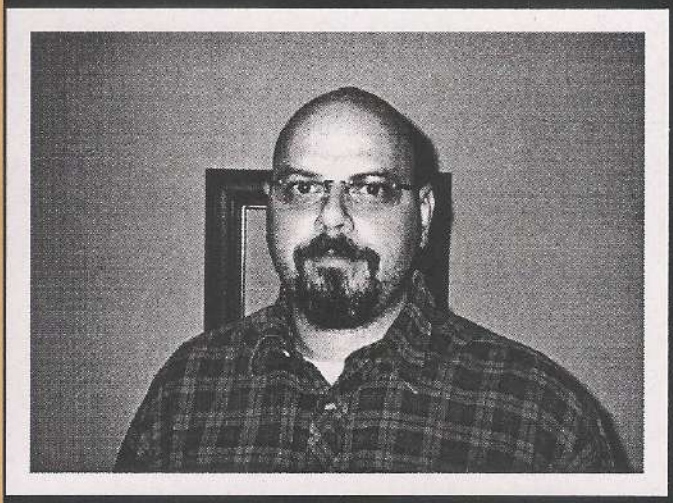


essencialmente um problema de vocação ou adequação de atividades econômicas, isto é um mito que precisa ser derrubado, a tal da "**cabeça de jegue enterrada**". O que me leva a acreditar realmente que as coisas podem e vão dar certo quando a cidade finalmente optar por rever sua postura societária, política e econômica. Na verdade já se observa modificações de postura em alguns setores e atividades principalmente no que diz respeito ao terceiro setor ou a sociedade organizada que começa a chamar para si o ônus de propor algo novo, mas este movimento ainda é muito localizado. As coisas só devem começar a melhorar quando a mudança de paradigma de desenvolvimento tomar proporções sistêmicas deixando de ser uma iniciativa individual ou parcial. Ainda persistem os reflexos de um pseudo desenvolvimento perverso e que chega a ser autofágico.

Quais os principais fatores causadores desta situação? Faltou liderança? Projeto?

Não acho que faltou nem um nem outro, o problema é diferente. Acho que, ao contrário, houve o aparecimento de lideranças muito fortes que apresentaram projetos os mais diversos. O problema é que talvez a excessiva força das lideranças, representadas pela casta tradicionalista da cidade, durante muito tempo patrocinou o desenvolvimento de muitos destes projetos numa direção um tanto equivocada. Ainda assim tem sempre alguém que pode se perguntar: será que os projetos foram realmente assim tão equivocados? Bem, a resposta se consegue percorrendo o espaço urbano de nossa cidade, os equívocos estão em cada esquina. Mas uma análise histórica, mesmo mais rasteira, revelam alguns equívocos de maneira bastante esplícita. Ainda no séc. XIX quando a região explorava a madeira, esta atividade só se propunha a realizar o corte e transporte da madeira sem patrocinar desdobramentos da atividade principal. Acabando a mata nativa se observou também, por consequência, a extinção desta atividade econômica. Com a monocultura do café o mesmo movimento se repetiu, quando a bolsa de NY quebrou em 1929, soçobra com ela também esta atividade monocultora. Depois vem a aposta na pecuária extensiva de corte e leite. Apesar de o município historicamente não apresentar problemas de latifúndios improdutivos, o baixo nível de tecnificação e investimentos importantes na atividade faz com que setor se desestruture completamente já no fim da década de 80 e começo da década de 90, não apresentando sinais de recomposição da atividade até o momento. O setor de pedras preciosas local poderia ser classificado como primário e pré-capitalista, tanto na extração quanto na comercialização. Apesar do setor virtualmente apresentar certa vitalidade econômica, esta atividade ainda não se mostrou capaz de se organizar como grupo forte, possibilitanto agregar valor ao seu produto e galgando um nível mais avançado nesta atividade econômica, que continua caracterizada por apresentar altíssimos níveis de exclusão social, com uma base reduzidíssima de pessoas multimilionárias que sobrevivem praticamente





imersas num bolsão de miséria crescente. O garimpo, como ele se apresenta hoje, escraviza o garimpeiro, degrada o meio ambiente, e os resultados não refletem na cidade de TO as cifras aparentemente milionárias que este setor fatura.

Hoje o que sustenta a atividade econômica municipal é ainda o setor de comércio e serviços, mas que ainda aposta em projetos muito personalistas mesmo quando partindo de uma iniciativa dos órgãos públicos. A estruturação de uma coletividade empresarial forte, eficiente e competitiva ainda é embrionária. Hoje não somos um pólo industrial, mesmo que micro-industrial, porque sempre se vendeu o mito de que não temos vocação para este tipo de atividade. Não somos também hoje um pólo de distribuição porque esta atividade também nunca foi considerada como viável pelos grupos empresariais locais, nem tampouco houve incentivo por parte dos órgãos públicos locais ou estaduais para uma viabilização deste setor. A posição geográfica e estratégica da cidade a coloca numa posição excepcionalmente privilegiada em relação aos fluxos intra e extra-regionais para a função de distribuição, mas que parece só ter sido bem aproveitada até agora, perversamente, pelo tráfico de drogas, que este sim, sem nenhum motivo de orgulho para a nossa sociedade, cresce exponencialmente em nosso seio tirando assinaladas vantagens dessa nossa forte posição regional, acessando facilamente todo o norte de Minas, sul da Bahia e Norte do Espírito Santo e aumentando vergonhosamente nossos índices de violência urbana e no campo.

Se nada for feito, qual seria o cenário a médio prazo?

Provavelmente a cidade se enfraqueceria na sua já instável posição de pólo regional. Um dos aspectos identificados por uma pesquisa recente sobre a região realizada por mim, é que vários outros centros urbanos da região estão se organizando e se aparelhando, por outras vias, para aspirar à posição de pólo microregional a despeito da força regional de TO. Isto seria complicado para a cidade que perderia assim sua hegemonia e sua posição de liderança deixando de aglutinar possíveis investimentos que seriam pulverizados por vários municípios dentro da Mezoregião, que vai desde Diamantina até Medina, passando por Eunápolis (BA), Conceição da Barra(ES), toda a Bacia do São Mateus, Nanuque e finalmente de volta à TO.

Na verdade as áreas litorâneas do sul da Bahia e Norte do Espírito Santo já se livraram da influência direta da cidade de TO na medida em que, nas últimas duas décadas, o turismo e o setor de produção da celulose supriram todas as necessidades microregionais destas cidades e forneceram um aporte de desenvolvimento suficiente para que estas localidades crescessem. Ainda assim tanto o turismo crescente do litoral quanto o setor de celulose podem ser muito bem aproveitados pelo município, desde que tratados por nós de maneira mais adequada e menos "Quixotesca".

Um outro fator histórico que forçou um rearranjo regional extremamente desvantajoso para a cidade e para a região foi a desativação da Ferrovia Bahia-Minas na década de 60. Este eixo de desenvolvimento que seguia grosseiramente o fluxo do rio Mucuri a partir de TO em direção ao litoral bahiano, sempre foi a lógica primordial de transporte e dos fluxos de entrada e saída de toda a região, desde que Vitor Renault por aqui passou em 1836, numa época ainda digamos "pré-ottoniana". A desativação desta ferrovia

quebrou a coluna vertebral da região e sua lógica de fluxos, estas sendo jamais recompostas pela implantação da MG-418 a chamada Estrada do Boi.

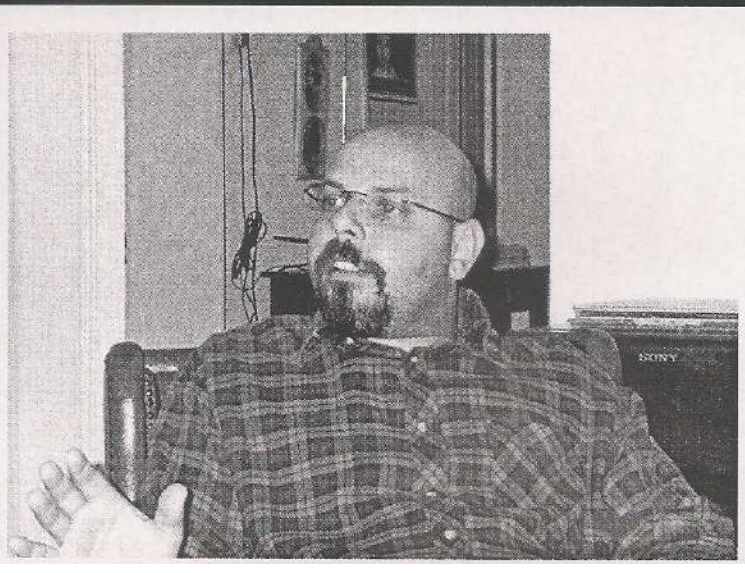
Ainda sobre o problema dos transportes a região persiste em apresentar, por décadas seguidas, uma baixa permeabilidade regional representada pelos péssimos acessos dos centros regionais menores e das pequenas localidades a TO, que ainda é realizado por estradas vicinais de terra, na sua maioria, em péssimo estado de conservação.

Neste momento de nossa história o que deve ser priorizado? Qual a saída para saírmos da estagnação? Em que devemos apostar?

Devemos apostar que somos capazes, que nossa cidade, apesar de todos os problemas, é uma boa cidade e que é detentora de um alto potencial de desenvolvimento. Devemos nos lembrar de nossa história que é bela e importante, isto acarretando um conhecimento maior de quem somos verdadeiramente. Sabendo quem somos realmente é mais fácil acreditar que somos capazes de produzir um tipo de planejamento que seja adequado para a nossa cidade e para a nossa região. Temos a obrigação de assumir uma nova postura social, política e econômica que permita novas maneiras de planejamento e ocupação do espaço urbano e regional dentro de uma dimensão ambiental que é nossa, que também permita novas formas de produção e de trabalho tendo em mente uma dimensão mais coletiva ou inclusiva e menos individualista. A própria definição de vida em sociedade pressupõe que ações coletivas são muito mais fortes e surtem muito mais efeito do que as iniciativas individuais, em grupo, temos obrigação de sermos mais responsáveis e mais eficientes, mas os resultados também são muito mais rápidos e mais efetivos.

O imaginário sócio-político-econômico de TO é permeado de verdades absolutas, infelizmente verdades absolutas geralmente nos direcionam para desfechos trágicos. Os mitos de atraso e inviabilidade arraigados no nosso imaginário devem ser postos em cheque e devem ser questionados e revistos sistematicamente e a maior parte deles deve ser finalmente descartada definitivamente, a não ser como forma de aprendizado do que não se deve fazer. Esta desmistificação deve ser sistemática e cotidiana pois estes mitos só servem para reconfortar velhos posicionamentos que escodem os equívocos do nosso passado remoto e recente e que acabam enganando o cidadão, criando um imaginário municipal perverso e irreal. A cidade precisa de um planejamento claro e abrangente que permita inúmeras formas de intervenção, gestão e de desenvolvimento sócio-urbano-ambientais desde que estas propostas apresentem minimamente a seriedade necessária ao desenvolvimento de qualquer sociedade em qualquer parte do planeta.

isto é um mito que precisa ser derrubado, a tal da "cabeça de jegue enterrada"



Rua Direita A espinha dorsal

O surgimento da Rua Direita confunde com a própria fundação de Philadelphia no dia 07 de setembro de 1853, quando Theóphilo Benedicto Ottoni ordena que o engenheiro alemão Roberto Schlobach faça o alinhamento da primeira via da nova vila que iria surgir ás margens do Rio Todos os Santos, na embocadura do Córrego Santo Antônio, trata-se de uma rua retilínea de aproximadamente meia légua de extensão, demarcada no sentido norte-sul, que era por onde se chegava de Minas Novas e Santa Clara, respectivamente.

A Rua Direita fazia parte de um projeto do engenheiro Schlobach apresentado ao Theóphilo Benedicto Ottoni com o traçado das primeiras ruas de Philadelphia. Alguns autores dizem que tal projeto seria de autoria do irmão de Theóphilo Ottoni, Christiano Benedicto Ottoni (engenheiro) embora este até então não ter nenhum contato com o Vale do Mucuri.

"A visão técnica do engenheiro Schlobach está definida na largura da primeira Rua Principal (rua Direita). As transversais cortaram-na com uniformidade, todas em ângulo reto, deste modo, traçou a rua Engenheiro Antunes,a rua Manoel Esteves, a rua Visconde do Rio Branco, a rua Francisco Sá..." (LORENTZ, Leônidas. Teófilo Otoni no Tribunal da História, p. 178)

Rua Direita próxima a antiga Casa Abel

Dizia Theóphilo Benedicto Ottoni em 1854 num relatório aos acionistas da Companhia de Comércio e Navegação do Mucuri: "Apraz-me crer que Philadéphia há de ser em breve tempo, tanto quanto podem ser povoações do interior, um grande centro comercial, e por isso estou lançando ali com algum esmero os fundamentos de uma cidade. No dia 07 de setembro de 1853, com a possível solenidade, assisti no lugar ao alinhamento feito pelo engenheiro Schlobach, de uma grande rua plana e retilínea em extensão de mais de meia légua rumo norte-sul.

A estação dos carros ou grande armazém faz frente na linha leste-oeste para duas praças, cujo centro passa a Rua Principal, tendo a Praça Norte 75 braças norte-sul e 50 leste-oeste (Praça Tiradentes), e a Praça do Sul, distância pouco mais ou menos igual,estendendo-se até a ribanceira do rio para passá-lo numa ponte (Praça Argolo)..." (TMMER, Frei Olavo. Theóphilo Benedicto Ottoni, p.24)

O nome da primeira rua de Theóphilo Ottoni implantada em 1853, de Rua Direita, permaneceu até o dia 05 de fevereiro de 1931, quando "forças estranhas" resolveram que não: "Decreto n° 717 de 05 de fevereiro de 1931.

O Prefeito do Município de Theóphilo Ottoni, usando das suas atribuições que lhe confere o Decreto n° 9.768, de 24 de novembro de 1930, do Governo do Estado, homologa o acto da "Junta Revolucionária da Salvação Pública, local que mudou a denominação de"Rua Direita" para "Rua João Pessoa";

Sobrado na Rua Direita onde funcionou a 1ª Sede dos Correios

Rua Direita vista da atual Rua Frei Gonzaga Anos 20

Uma Democracia Musical

Roberto Tomich comanda uma *jam session*

Quando do lançamento do primeiro número d'a **botocuda"**, alguns leitores questionaram a não inclusão de inúmeros artistas locais no texto intitulado "uma anistia musical" resolvi então fazer uma pequena pesquisa sobre tais artistas, visto que pouco sabia sobre boa parte deles; na verdade eu nem sabia quem seriam muitos deles! Nessa altura independente de tentar escrever um tema para a revista, eu mesmo já me sentia curioso quanto tais nomes, suas histórias e em alguns casos seus desaparecimentos.

É óbvio que alguns dos nomes que citarei a seguir são extremamente populares na cidade, outros nem tanto, e ainda alguns outros de atuação quase que caseira. De qualquer modo, todos os citados, em conjunto, formaram um mosaico significativo sobre a questão e cada qual ao seu modo contribuiu ou ainda contribui para a trilha sonora desse vale de lágrimas.

Antes porém de continuar, eu preciso deixar claro que ao contrário daquilo que escrevi no primeiro número da revista, sobre determinados compositores locais, quando então lancei mão de uma escrita emocional e nostálgica, dessa feita serei mais pragmático, visto que grande parte dos escrutinados não fizeram parte de minha convivência. Algumas excessões se revelarão no caminho.

A primeira imagem da música vista e não apenas ouvida, da qual tenho lembrança aconteceu no começo da década de 1970 quando na hoje extinta TV Itacolomi assisti a uma exibição de "Help!" manifesto beatlemaníaco de quase 10 anos antes, imediatamente após, como já era fã do quarteto liverpudliano, passei a me interessar bem mais por bandas a simples artistas solo. Foi então pela primeira vez, em triviais conversas com amigos e vizinhos que fiquei sabendo da existencia de bandas em Teófilo Otoni, seus nomes continuam intactos na memória: "Os cometas" e "Os singulares", embora fossem anos 1970 a influencia era toda 1960's. E tome Johnny Rivers, Roberto Carlos e tome música italiana e, é claro muito Beatles. A formação básica dos dois grupos compreendia:

Singulares: bateria: Hélio Gorila; baixo: Preto; guitarra: Geraldinho; teclado: Ilzemar; vocal: Jadir. Hélio Gorila fundou o grupo por volta de 1970, e a última vez que o vi, foi em sua fazenda próxima ao Kaladão na estrada do boi. Jadir Barbosa nos últimos anos de vida perambulava divagante pelas ruas de T. Otoni, vindo a falecer em esquecimento. Possuía boa voz e interpretava "Django" canção tema do western homônimo e "Canzone per te" do compositor italiano Sérgio Endrigo (com a qual, Roberto Carlos venceu o hoje ridículo Festival de San Remo na Itália em 1968 e deu novos rumos à sua carreira) de maneira notável. O grupo durou mais ou menos até fins da década (1978/1979).

Outro grupo da época foi os **The Victors** que tocava todos os gêneros e era capitaneado por Adalto Gonçalves que tocava contra-baixo;Augustinho, guitarra; Elson, bateria; Sinhozinho, piston e Zé, guitarra.

Os Cometas tinha a seguinte composição: bateria: Elson; baixo: Dedé; guitarra: Augustinho; teclado: João Lima; vocal: Eduardo Barreiros

O mais curioso sobre a banda é que antes de se tornarem *Os cometas*, eles eram conhecidos como os "**Trepidantes**" com um estilo mais rock e teve como formação básica, os seguintes elementos: bateria: Abdalah; baixo: João Brito; guitarra: Augustinho teclado: Cássio; vocal: Dudu Ryan

Abdalah é hoje Dr. Abdalah tocando no "Mania de Beatles" banda cover dos "Fab Four". Na guitarra solo também passou Tião do Cavaquinho.

Outro nome marcante da mesma época é o tecladista e acordeonista Roberto Tomich. Em meados da década de 1970 ele formou os "**Exorcistas**" que tocavam estilos variados e que passaram em 1978 a chamar "**Skylab**".

Dentre os inúmeros músicos que Roberto lançou ou contratou podemos citar:

Bateria: Maurelito; Édson (filho de Tranquilino); Neguinho; Léo (filho do próprio Roberto)

Baixo: Chiquinho (já falecido); Clóvis; Xexéu

Guitarra: Cyd; Tião; Zú (já falecido); Antônio Cabeça de Gato (já falecido)

Metais: Sax: Crislônio (já falecido); Arnaldo (hoje toca na Bahia); Trumpete: Hélio; Maciel (jovem virtuoso, hoje em BH.); Trombone: Jonas Brandão (Sargento da PM onde participa da Banda Marcial).

Vale ressaltar que além do próprio Roberto, outro tecladista passou pela Banda, Espedito era seu nome.

Vocais: várias cantoras e alguns cantores passaram pelos grupos, como por exemplo: Ângela; Adélia; Cássia; Tereza; Eduardo Barreiros; Getúlio Neiva (é verdade!)

Sobre Getúlio uma curiosidade interessante. Muito antes de cavalgar nas pradarias da política, nosso ex-prefeito, juntamente com os amigos Rubens Schofield, Carrasco e o já citado Roberto Tomich faziam parte de um grupo vocal de nome originalíssimo e curioso:

"3 com asma, 1 com íngua"

Absurdamente genial!!!

Depois dessa primeira leva, claramente influenciada pelos anos 60, surgiriam novas frentes de origens variadas.

Representando a velha guarda Tião do Cavaquinho, Zé Penteado ao violão de seis cordas (tocando com estilo de sete cordas), Adélia no vocal, Chiquinho e Neguinho respectivamente no baixo e bateria, passeavam pelo samba-canção, boleros e baladas românticas.

Em fins dos anos 1970 os chamados "nordestinos" invadiram o cenário da MPB. Capitaneados por Belchior, Fagner, Alceu Valença e depois Zé Ramalho eles causaram profundo impacto em nossa região (vale lembrar que desde 1973, um grupo pernambucano chamado "Banda de Pau e Corda" com seu trabalho melódico e saudoso, já fazia relativo sucesso no nordeste mineiro) sob tal influência surgiria em Teófilo Otoni o grupo "Flor da Terra" criado e empresariado por Fernando "Bolão", o grupo se tornou uma verdadeira coqueluche na cidade, tocava nos principais bares e restaurantes da época (Senzala, Calistão, Posto Teófilo Otoni, etc) dentre os vários músicos da banda, podemos citar:

Bateria: Maurelito; Marcinho

Baixo: Beto; Magal (Mazinho); Durico

Guitarra: Durico; Agnaldo (que também fazia os vocais)

Teclado: Xexeuzinho: Beto (não confundir com o outro Beto do baixo); Mossoró

Percussão: Xingu; Giovani Caverna; Miro

Em 1981, o empresário Bolão se arvorou a cantor e compositor, mudando a cara da banda, infelizmente não deu certo. De qualquer modo a banda foi um marco na história da música teofilootonense. Nessa mesma época estavam chegando ao fim os inesquecíveis carnavais nos clubes (América e Palmeiras principalmente) em decorrencia da fuga em massa cada vez mais crescente para as praias do sul da Bahia em algumas ocasiões esses bailes foram animados por músicos locais como por exemplo o já citado sargento Jonas Brandão. Era o ocaso das maravilhosas marchinhas carnavalescas. No lado oposto e complementar aos grupos, estavam os artistas solo, e dentre eles César Porto, provavelmente o artista da noite mais importante já surgido em T. Otoni.

De estilo agradável, e cristalino se pautando pela melhor MPB, chegou a formar alguns grupos, como por exemplo a "Banda Nova" e atualmente, além do hipercarismático percussionista Miro, em determinadas ocasiões ele se faz acompanhar pelo baixista Isaías e pelo tecladista Simão.

Nos anos 1980, no limiar do Rock Brasil, inúmeros músicos e bandas surgiram em Teófilo Otoni, já ciente que esquecimentos acontecerão, tentarei a seguir lembrar o máximo de nomes possíveis.

Bateristas: Pila, Tó, Fred Pula Moita, Léo Discoteca, Lourenço e Beto Papel.

Baixista: Dinga, Robertinho Achtschin, Renato, Hudson, Telmo e Sérgio Popeye.

Guitarristas: Luciano, Carlinhos Pechir, Léo Tripa, Cal, Giuliano e Arnaldinho (esse embora de uma geração e estilo anterior, teve muito destaque na mesma época).

Teclados: Paulo Sérgio "Pilão" e Paulo "Preguiça"

Como destaques femininos podemos citar: Érica Miglio, Ludmila, Jussara & Jucélia, Bernadete, Eliane... etc.

Para finalizar, fora do contexto profissional, ou semi-profissional eu gostaria de citar uma turma simpática de fundo de quintal. Quase sempre reunidos na casa de Gilberto Cachueira (esse dividido entre violão, churrasco e cerveja), podemos encontrar o cantor Lôpa, o cavaquinista Geraldo Careca, o pandeiro correto de Jorge e até pouco tempo o atabaque do recém falecido Valtinho, iluminando cada rua por onde Cachueira já morou, (atualmente é na rua da Concórdia) com o melhor do samba, desde Wilson, Geraldo e Noel, (como imortalizou João Nogueira), até os nossos dias, tão bem representados por Paulinho da Viola e Chico Buarque. A cada dia, novos nomes continuam a surgir.

Devemos ter esperança e se possível contribuir, para que essas novas gerações, tendo várias opções de boa música em variados estilos, não cedam á tentação de modismos inócuos e apelos fáceis de rádio e televisão, inclusive tais meios de comunicação da nossa própria cidade, que poluem nossos ouvidos com pagode, axé, funk carioca e principalmente, as nefastas e hipócritas duplas breganejas. Entretanto, não há motivo para ficar triste; - a verdadeira música continuará fluindo eternamente.

Boa sorte, mas fundamentalmente, bom gosto a todos!

PS I – É preciso lembrar de uma das figuras mais extrovertidas e hilárias do rock de T.Otoni. Trata-se de Cláudio Pé de Boi, um verdadeiro show man, dentro e fora do palco.

PS II – Eu esqueci de comentar dois compositores no texto da primeira edição , Luciano "Xoina" já falecido e Silmar, vulgo Ratinho, ambos escreveram belas canções, geralmente em parceria com o já citado Eugênio de Castro.

PS III – Alguns nomes que ajudaram definir o texto: Durico, Augustinho, Kaká Lucena. Dr. Abdalah, Sgto Brandão, Cachueira e Roberto Tomich.

Eduardo Barreiros à frente do *The Victors*

VENHA FAZER UMA FACULDADE MODERNA, COM ENSINO DE QUALIDADE E GARANTIR SUA VAGA NO MERCADO DE TRABALHO.

UNOPAR

2º Vestibular 2005

Inscrições: até 21 de Junho - Provas: 03 de Julho

Cursos Superiores Autorizados Pelo MEC

Autorização: Portaria nº 3496/02 de 13/12/02 - CNE/CES nº301/03 homologado em 09/08/04

ADMINISTRAÇÃO DE PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS (excelente para quem é empreendedor)

AULA PRESENCIAL 1 DIA NA SEMANA - DURAÇÃO: 2 ANOS E MEIO

TECNOLOGIA EM GESTÃO DE MARKETING (excelente para quem é empreendedor)

AULA PRESENCIAL 1 DIA NA SEMANA - DURAÇÃO: 2 ANOS E MEIO

GESTÃO ESTRATÉGICA DE VENDAS (excelente para quem é empreendedor)

AULA PRESENCIAL 1 DIA NA SEMANA - DURAÇÃO: 2 ANOS E MEIO

TECNOLOGIA EM TURISMO

AULA PRESENCIAL 1 DIA NA SEMANA - DURAÇÃO: 2 ANOS E MEIO

NORMAL SUPERIOR

AULAS PRESENCIAIS: 2 DIAS NA SEMANA ou SÀBADO - DURAÇÃO: 3 ANOS

Neste modelo de aprendizagem, o aluno conta com o **professor em tempo real**, no sistema de vídeo-conferência via satélite além do **monitor** que, na sala de aula, comunica com a central transmissora via chat eletrônico, esclarecendo as dúvidas dos universitários. Outros diferenciais do sistema são, a biblioteca virtual, sempre disponível para pesquisas e complementação de estudos, e o **tutor,** que orienta o aprendizado do aluno via internet nas atividades extra sala. E o preço é ótimo.

A qualidade do ensino é excelente, é fácil a adaptação ao sistema e o curso é muito interessante.

LAUY MARTINS
Administração de Pequenas e Médias Empresas

Tudo com qualidade: o ensino, as aulas práticas, os professores e a atenção dos funcionários

SÉRGIO SEIXAS
Marketinkg

A UNOPAR é inovadora, preza a qualidade do ensino focando a aprendizagem com muita responsabilidade.

MARIA IVANA
Marketing

O sistema de ensino é moderno e efiente além dos funcionários de apoio que são qualificados.

THAISE SOARES
Administração de Pequenas e Médias Empresas

O método é novo, com professores de alto nível e a aprendizagem é eficaz. Surpreendente!!

LUCIENY RAMOS
Administração de Pequenas e Médias Empresas

Av Getúlio Vargas, 1133 - 2º andar - Fone: 3522-2556

O curso tem me proporcionado resultados positivos, inclusive na minha empresa, com a prática dos conhecimentos adquiridos.

KALID MAIKEL
Administração de Pequenas e Médias Empresas

A UNOPAR é moderna. É ótimo usar a tecnologia para o aprendizado.

Luzalva Oliveira
Normal Superior

É moderna e versátil pois permite ao aluno que trabalha realizar seu sonho de fazer uma faculdade de qualidade.

KEZIL EBINGER
Marketing

www.unopar.br

O que mais gosto na UNOPAR é do modelo de ensino e do excelente nível dos professores.

VALDEMIA VIEIRA
Administração de Pequenas e Médias Empresas

Os professores são ótimos e o preço também.

GUILHERME MIRANDA
Administração de Pequenas e Médias Empresas

Usamos a tecnologia com liberdade e segurança para obter um aprendizado de ótimos resultados

VEREDIANE ALVES SANTOS
Normal Superior

A historia de um proscrito

Vou lhes contar um pouco de minha trajetória de vida fulminante. Eu sou aquele que desenvolveu a arte de te assustar nas ruas entediantes desta cidade. Naquele tempo esbaldava-me de rir por dentro e por fora quando sua face se transfigurava ante minhas ameaças de cusparadas. Elas não te atingiam porque a minha técnica era peculiar, baseada no controle do jato; assim, a saliva, pois, da ponta de minha língua não passava. E a despeito dessa habilidade singular, não raro, você atravessava a rua - desviava-se.

Por muitas vezes fui motivo de sua ironia, não por causa de minha arte. Sua ironia estava sempre embasada numa simples questão de desarmonia mecânica, que me afligia. Não tão simples, eu sei. Mas não era isso razão para que seu escárnio se tornasse irresistível e tão incisivo, visto que, em verdade, nesse mundo de humanos, não existe ninguém que não possua algum defeito crônico. Sendo ainda mais específico, na menos desfavorável das hipóteses, ha multidões de feios e estranhos por aqui, eu posso lhes assegurar, senhores, e o curioso e que eles nem se dão conta disso. Assim, sou igual a todo o resto. Apesar de nossa similitude, quase sempre, era endereçado a mim seu riso patético - puro cinismo - a tutelar seu desprezo. E escárnio e desprezo são sentimentos amalgamados e conexos ao instinto criminoso!

Uma coisa me inquietava. Os passantes sempre me pareceram como carnes ambulantes, desprovidos de personalidade. Eu não conseguia ver nada de novo neles. Eram, assim, como vultos - olhares altivos; espíritos cheios de uma hipocrisia não coagulada, contagiante, no compasso das metrópoles. E esta cidade distante esta de uma metrópole! São homens e mulheres ocos, infelizes, prisioneiros do ego - e haveria algum solo real para que eles se sentissem com tal envergadura? -, do tempo, da moda, de frivolidades e dos medos. Vivem vidas que não são suas, mero jogo de aparências. Não pode haver maior miséria! Conquanto perambulem por esta cidade, perfumados e nem sempre bem trajados, são dissimulados, violentos - não pelo uso de estiletes ou punhais, mas pela frivolidade exposta na cara - um rosto inteligente e, sem duvida, mais harmônico. Alguns tem em si mesmos uma rispidez quase medieval; outros, são agressivos por cultivarem uma espécie de silencio de sepulcro quando me vêem. Vejo sinais evidentes de que a boa semente nessas terras não germinou; eles ficaram a margem do caminho e aquela foi levada pelas aves. Quem, afinal, e o deus deles?

Rua Epaminondas Otoni, dezoito horas. O trafego e rude e a massa não e nem mesmo simpática. Eu consumia a minha angustia nesta rua, como de costume, quando, de repente, a velha locomotiva da praça saiu de seu lugar de honra e passou por mim, lentamente, mudando, de súbito, para preto e branco a cor do ambiente - o passado! Descortinaram-se ante meus olhos os rastros - foi quando vi, então, o mercado central ser erigido para afrontar um suntuoso edifício, arena onde se digladiavam o furioso leão da arrogância e o esqueleto do pouco; vi o espocar miserável das favelas, que ganharam os morros, formando, pouco a pouco, a borda corrosiva do infortúnio, que emolduraria a cidade no futuro; vi crianças clamando nervosamente dos pratos dos abastados a sua porção, e serem friamente ignoradas; e enquanto a locomotiva dava voltas ao redor, vi, também, mulheres e homens, jovens e velhos, aos trapos, habitando as calcadas, e a reação pasteurizada dos cidadãos! A locomotiva subitamente dobra a esquina! - retornam as cores! - o presente! - e descarrilha num espesso lodo, e desaparece! Acaso se pode dar a esse lodo a rubrica comum da fatalidade? Não! O lodo em que se descarrilhou e desapareceu a locomotiva, senhores, não e a fatalidade, mas a esterilidade dos corações e das consciências, que impera e persiste, tal qual teia resistente e eterna, ligando os tempos na capital das pedras! A que cidade pertenço?

Enchi meus pulmões, e confiante e resoluto, decidi cerrar a porta a essas abstrações, que me causavam dor e sofrimento. Basta! Por um instante ousei - como nunca o fizera antes - a desafiar o tédio e o aço, para, uma vez mais, chamar a atenção! Eis-me diante dos passantes na calcada - meu alvo predileto! Dessa vez usei de nova estratégia - deitei-me no asfalto quente, virei o rosto para a direita; sorri infantilmente, e por um irreversível erro de calculo, tombou sobre meu corpo um carro! Sangue.

Não vejo agora espaço para o engolir seco ou o arquear na testa rugas de asco, porque eu já me achava morto, dentro nessa campa de muros que margeiam as ruas entediantes desta cidade, naquele tempo em que me esbaldava de rir por dentro e por fora quando sua face se transfigurava ante minhas ameaças de cusparadas. E foi assim mesmo que tudo aconteceu, senhores. Tal qual um proscrito, segregado a forca pela impassibilidade e exposto aos acoites dessas penosas lides, vim realmente a fenecer nesse cemitério de limites.

A melhor oportunidade para quem já concluiu o ensino médio ingressar no mercado de trabalhor

Banco de Talentos

Recrutamento e Seleção de Profissionais para os associados da CDL-Teófilo Otoni

CDL
Câmara dos Dirigentes Lojistas de Teófilo Otoni

FONE 3522.4101

Grandes discos
da história do rock

Joy Division: Closer 1980 .
Joni Mirhell:
Blue 1971
Court & Spark 1974
Hissing Of Summer Lawns 1975
Hejira 1976
Marvim Gaye:
Want's Goin'on 1971
Trouble man 1972
Let's get it on 1973
Doors:
Doors 1967
Strange days 1967
Waiting for the sun 1968
Genesis:
Trespass 1970
Selling England by the pound 1973
Smiths:
Queen is dead 1986
Strangeways here we come 1987
Roy Harper:
Stormcock 1971
Neil Young:
After the gold rush 1970
Harvest 1972
On the Beach 1974
Comes a time 1978
r.s.

UM INTRODUÇÃO AO JAZZ

Na virada do século XX, os negros americanos adaptaram para o piano, com ritmo e melodia africanos, as composiçtes de autores europeus (clássicos ou não). Nascia um gênero sincopado e ligeiro, logo batizado de *ragtime*. Em contrapartida, os escravos que viviam no sul dos Estados Unidos, nas plantações de algodão, procuravam enganar o cansaço entoando cantos-lamentos, ou *blues* (que significa angústia, tristeza). Nas horas em que não estavam trabalhando, acompanhavam seus cantos com violões de corda de aço, já que eram proibidos de usar tambores africanos. *Ragtime e blues* transformaram-se nas duas principais raízes do jazz. O *jazz* é um dos grandes legados culturais dos Estados Unidos aos povos de todo o mundo. Devolveu B música a alegria rítmica, fez renascer a improvisação e diminuir a diferença entre o compositor e o intérprete, influenciando toda a criação artística do século XX. A palavra *jazz* é derivada de duas palavras dialetais muito populares na cidade de New Orleans, Estados Unidos, no início do século passado: *jasm e gism,* que significavam velocidade e energia. Mas suas origens são mais antigas; na gíria popular, *jazz* era uma obscenidade, com implicações sexuais. Enfim na definição de um de seus maiores expoentes – Duke Ellington – "O jazz é a liberdade de possuir muitas formas".
c. m.

Zeca Baleiro no ACTO. Excelente oportunidade para curtir uma das grandes revelações da nova música brasileira

em agosto acontece em t. otoni o primeiro torneio sabor de boteco. É uma iniciativa desta revista e o programa **tv da gente** com o apoio da **cdl-to**. O objetivo do evento é fazer o resgate das tradições culinárias de nossa região, que mescla os sabores de minas e traços da cozinha baiana, consumidos na forma de tira-gosto em bares e restaurantes. Outro aspecto interessante da proposta é o incentivo à profissionalização dos comerciantes do setor, no que diz respeito à higiene dos estabelecimentos, atendimeto e qualidade dos produtos colocados a venda. Um júri composto por cinco pessoas, catedráticas na arte de freqüentar botecos, escolherá os vencedores que serão agraciados com um diploma com selo de qualidade além de prêmios e o reconhecimento do público. s.a.

Itamar Assumpção do Nego Dito ao Preto Brás uma pequena biografia

Durante a década de 80 e 90 o músico Itamar Assumpção lançou vários discos que,apesar da qualidade,não se tornaram conhecidos do grande público.Nesses 20 anos a música popular brasileira passou pelo "rock brasil",pelo pagode,o mangue beat e axé mas vários artistas que faziam trabalhos originais foram negligenciados.Dentre eles Itamar se mostrou o mais criativo e influente e suas músicas apareceram em vários discos de artistas desse período.Como o circuito em que atuava era independente,ficava sempre á margem da mídia.Felizmente, a geração mais recente da MPB (Cássia Eller,Zélia Duncan,Zeca Baleiro,Ceumar,etc) vem mostrando ser bastante influenciada por seu trabalho e lançou várias versões para suas músicas.

Itamar é um legítimo herdeiro da melhor estirpe da MPB e seria uma espécie de evolução natural do tropicalismo com suas experimentações,fusões e introdução de novas linguagens musicais.Porém foi vitima de seu proprio tempo e a cultura de massa predominante não deixava espaço para sua música sofisticada.

O ocaso do artista quando jovem

Nascido a 13 de setembro de 1949 ,em Tietê (SP),Francisco José Itamar de Assumpção,esse bisneto de escravos angolanos e filho de pai de santo,cresceu ouvindo os batuques do terreiro de camdomblé no quintal de sua casa.Aos 12 anos mudou-se para Arapongas (PR) onde chegou a cursar o segundo ano de contabilidade.Abandonou os estudos e foi para Londrina para fazer teatro e shows.Aprendeu a tocar violão sozinho ,gostava de Hendrix,Cartola,Miles Davis e Clementina de Jesus. Ainda em Londrina conhece Arrigo Barnabé e se forma o núcleo do que mais tarde seria chamado "a vanguarda paulista".Em 1973,aos 24 anos ,se muda pra São Paulo para se tornar profissional de música mas têm muitas dificuldades e sobrevive fazendo bicos.Os primeiros frutos vieram em 75 quando ganhou um festival de música em Campinas com a música "Luzia".Em 79 participa do Festival de Música da Vila Madalena com sua banda Isca de Polícia interpretando "Nego Dito".

Vanguarda Paulista

Na transição da década de 70 para 80 se forma um grupo de músicos com novas propostas estéticas para a MPB.Itamar Assumpção, Arrigo Barnabé,Têtê espíndola,Grupo Rumo,Língua de Trapo e Premeditando o Breque ficaram conhecidos como "A Vanguarda Paulista".Cada um, à sua maneira,introduzia novos elementos à MPB,seja com musica dodecafônica e experimental(Arrigo Barnabé),seja resgatando a estética musical dos anos 30(Grupo Rumo) ou com humor debochado(Premeditando o Breque).Itamar fazia uma mistura de mpb,com funk, jazz ,reggae e rock difícil de definir.Eles se apresentavam no Teatro da Lira Paulistana com shows que ficaram marcados pelo improviso e descontração.O primeiro LP sai em 1980 intitulado Beleléu leléu eu com a banda Isca de Polícia.O disco é uma produção independente e além das musicas Luzia e Nego Dito já citadas destacam-se Fon fin fan fin fun,Fico Louco,Baby e Nega Música.As músicas têm ritmos quebrados,incursões jazzízticas ,sobreposição de vozes e letras com temas urbanos e pouco usuais.Em 83 lança Às Próprias Custas S.A. com composições sua autoria e inclui uma musica de Járds Macalé(Negra Melodia),de Adoniran Barbosa(Vide Verso Meu Endereço) ,Geraldo Pereira(Você está sumindo) e Arrigo Barnabé(Oh! Maldição) mostrando a diversidade de influências e uma certa afinidade com os artistas situados á margem da mídia.Em 86 lança Sampa Midnight que para muitos é seu melhor disco e pela primeira vez grava uma música feita em parceria com sua esposa , a poetisa Alice Ruiz.É um trabalho bem equilibrado sendo dificil apontar as melhores faixas.O disco teve boas críticas mas vendeu pouco.Em 88 Itamar consegue lançar um disco por uma gravadora grande ,a Continental ,que se chama Intercontinental!Quem diria !Era só o que faltava! .O disco tem 18 faixas com estilos variados (reagge,samba,rock,etc) e é um fracasso de vendas.O curioso é que duas musicas desse disco fizeram sucesso com outros cantores(Zizi Possi com "Filho de Santa Maria" e Ná Ozzetti com "Sútil").Ao final da década de 80 Itamar continuava um artista desconhecido do grande público.Uma década dominada pelo rock brasil,axé e sertanejo

não tinha muito espaço para sua musica sinuosa e original.

As Orquídeas

Itamar entra na década de 90 desfazendo a banda Isca de Policia,fazendo shows acústicos e compondo muito.Após um hiato de 6 anos sem lançar discos ,lança em 94,a trilogia Bicho de Sete Cabeças com o Grupo Orquideas do Brasil.São 3 Lps,todos lançados no mesmo ano,recheados de canções variadas,com várias parcerias (Alice Ruiz,Paulo Leminiski,Riba Nascimento) e várias participações(Rita Lee,Tom Zé,Jards Macalé).O trabalho vocal do grupo feminino Orquídeas do Brasil confere uma suavidade aos discos,até então inédita no trabalho do artista. Sobram experimentalismos como em In the Morning (canção que mistura inglês com português),Língua do P(o título fala por si mesmo),canções com uma ótica feminina como em Noite Torta ,mas a música que teve mais repercussão e chegou a tocar timidamente nas rádios foi Milágrimas,música de Itamar com letra de Alice Ruiz.Neste período,apresenta grande produtividade,enviando músicas que foram gravados por vários artistas (Zélia Duncan,Alzira Espíndola,Cássia Eller,Ná Ozzetti,dentre outros).Em 95 lança um disco em homenagem á Atulfo Alves (Ataulfo Alves por Itamar Assumpção) pelo selo Paradoxx do empresário Gugu Liberato.O disco não vende nada e Itamar acusa a gravadora de não divulgar o disco como faz com os outros artistas.Mesmo assim, ganha o prêmio de melhor do ano pela SPCA (Sociedade Paulista de Críticos de Arte) ,um verdadeiro "paradoxx".

Dor Elegante

Em 98 lança um novo trabalho,Pretobrás,porque não pensei nisso antes...,um disco com 21 faixas em que as letras sobrepujam as melodias.A crítica disse que ele estava aderindo ao rap.O disco é irregular,porém tem várias faixas da melhor safra como Vida de Artista,Dor Elegante, Outras Capitais,Ich Liebe Dich e Olho no Olho. Após esse disco sua vida se torna muito atribulada devido a um diagnóstico de câncer no intestino.Em 2000 é internado e submetido a uma cirurgia ficando grave em UTI.Fica a beira da morte e após algumas semanas se recupera.Em seguida vem as sessões de quimioterapia e dores horríveis.Em shows no ano de 2002,ao se lembrar do episódio,trata tudo com humor e recita poesias do período de internação.Já havia concluído a gravação de um novo disco em parceria com o percussionista Naná Vasconcellos que se chama Naná Vasconcelos e Itamar Assumpção-Isso vai dar repercussão quando em 12 de junho de 2003 morre em sua casa aos 53 anos.

"...um homem com uma dor/é muito mais elegante/caminha assim de lado/como se chegando atrasado/chegasse mais adiante.../éteres,ópios,analgésicos/não me toquem nessa dor/ela é tudo que me sobra/morrer vai ser/a minha última obra..."

*todos os cds do artista podem ser encontrados na loja Império dos Discos em Teófilo Otoni.

venha saborear o melhor peixe acompanhado pela melhor música

AcademiA do Peixe

Rua Concórdia, 222
Fone: 3521-1329

a síndrome da cabeça de jeque

Conversar com quem entende do *metier* são outros quinhentos, como dizia no meu tempo. O ilustre entrevistado das negras páginas desta edição discorreu com sabedoria e clareza sobre nossa atrofia econômica e anemia social. Concordo em gênero, número e grau com as pertinentes conclusões do sábio professor Cristiano Ottoni. Realmente fizemos escolhas equivocadas. Acredito até, que o professor foi um pouco generoso na crítica aos nossos gestores, como foi também elegante na escolha dos adjetivos endereçados às lideranças que, desafortunadamente, fomos vítimas. No mais, é de entristecer a alma as constatações do prof. cristiano, dignas de apurada reflexão. Sobre a cidade ele afirma:

"... se encontra em processo de estagnação."

"...tomando feições de terra de ninguém."

"...as pessoas imersas num bolsão de miséria crescente."

***

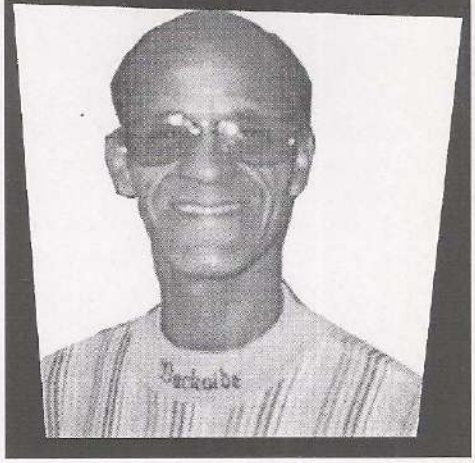
E o PT federal hein? Estou exausto de falar mas volto a repetir: um dia é da vidraça outro do estilingue. Os zés, genoino e dirceu, estão estribuchando, se estropiando, fazendo das tripas coração para tirar forças do além do aquém para conseguir dar um abafa na cpi dos correios. Logo eles, os maiores patrocinadores de cpis da história da república. Falei!

***

Já falei, gritei e cansei de repetir: até quando vamos assistir aos ônibus interurbanos catando passageiros em pleno centro da cidade, nas horas do rush? Num trânsito caótico e mal educado, repleto de ciclistas, motoqueiros, automóveis, a frota de ônibus urbanos e uma multidão imensa de pedestres sem as mínimas condições de locomoção. Tudo muito complicado e desordenado. Presenciei outro dia, na ante-véspera do domingo das mães, enquanto conversava com amigos próximo ao shopping popular, uma cena que pouco faltou para uma tragédia. Seis horas da tarde, um frenesi de gente, buzinas, descargas e um maluco fantasiado de palhaço com um microfone anunciava aos berros, promoções de um magazine para presentear a mamãe. Panela de pressão em 24 parcelas de $1,98.

O danado do palhaço gritava tanto, fazia tanta negaça que até menino em barriga de grávida virava o pescoço para assistir o bufão. O lusco-fusco do cair da tarde mais o cansaço de fim de expediente embotava os reflexos e irritava os ânimos. Uma idosa e obesa senhora sai do magazine de mãos dadas com uma garotinha de cinco anos, que leva um imenso pacote de presente, uma panela de pressão? A fila de ônibus no ponto é interminável. Um mototáxi entre dois ônibus tenta captar algum passageiro. A rua e a calçada cada vez mais intransitáveis. O palhaço grita cada vez mais alto e anuncia que vai distribuir bombons para os clientes do magazine. Foi música para os ouvidos da inocente garotinha. A avó já galgava o primeiro degrau do coletivo para Jampruca, quando sentiu a pequenina se desvencilhar de sua mão e voltar correndo para atravessar a rua de olho nos bombons do arrelia. Exatamente neste instante o operoso motoqueiro arrancava com um passageiro na garupa. O encontro era inevitável. A garotinha iria voar pela primeira vez na vida, mas o anjo da guarda da inocente estava atento e o pior não aconteceu. Por um milésimo de segundo e talvez pelo peso do pacote o mal fadado encontro não se realizou. De raspão, a moto passou pela guria igual ao alemão Schumacher quando ultrapassa o Rubinho. A peraltinha rodopiou no mesmo lugar por alguns segundos, parou em estado de choque, a respiração ofegante e os olhinhos esbugalhados. Ainda tomou um cascudo da avó, que espraguejava por ter perdido o ônibus. O motoboy nem olhou prá trás, o presente da mãe dele já estava garantido. Bendita garotinha.

fala mudinho!!!



TIPO CÓPIAS

COPIADORA - GRÁFICA RÁPIDA - COMUNICAÇÃO VISUAL

copiadora

gráfica rápida

comunicação visual

Adesivos
(Impressão Digital para parede, piso, vidro, etc)

Adesivos de Recorte

Adesivação de Veículos
(Impressão Digital e Recorte)

Banner

Frontlight

Backlight

Busdoor
(externo e interno)

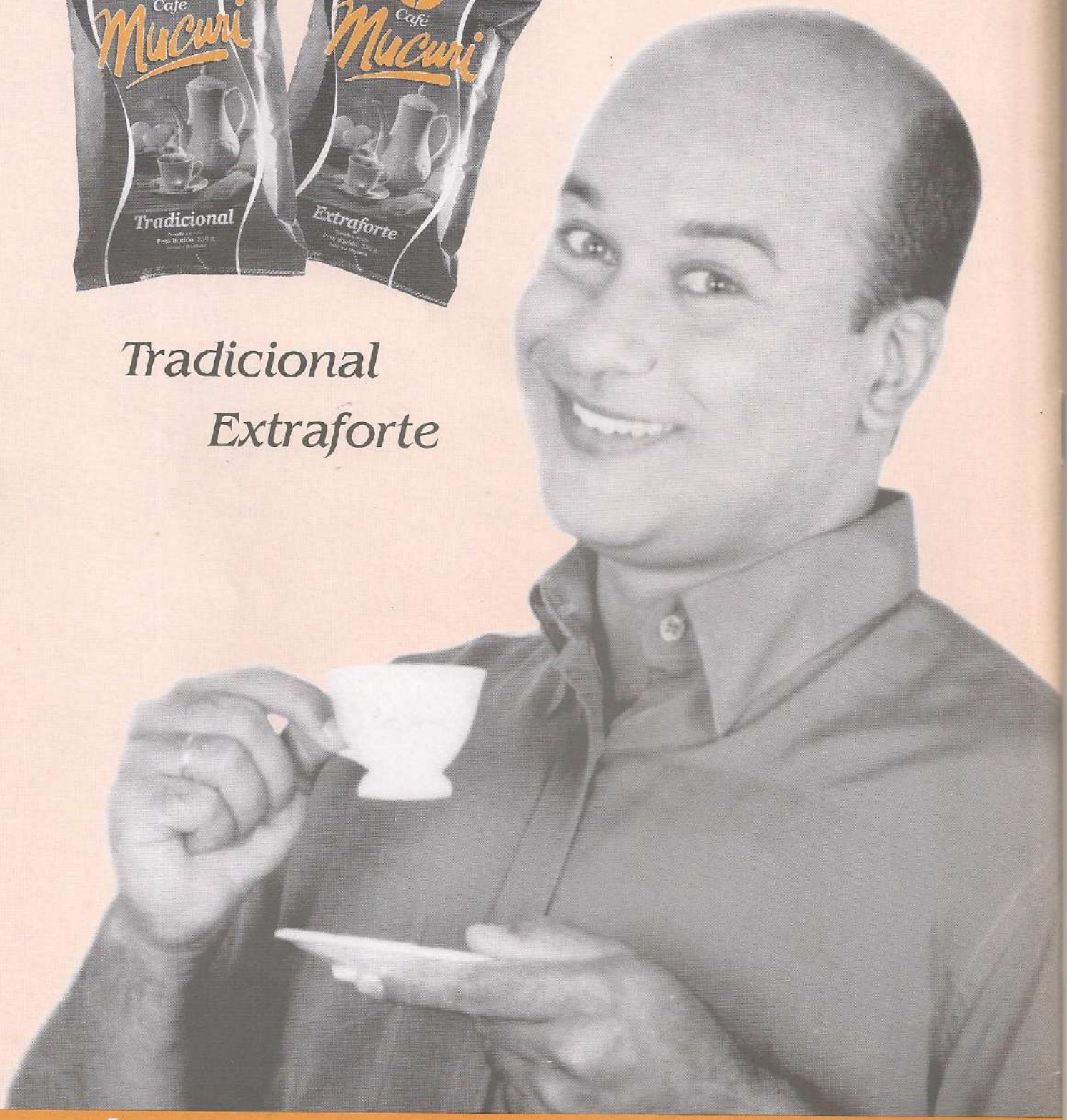
www.tipocopias.com.br - 33.3522.3459

Rua Engenheiro Antunes, 171 - Centro - Teófilo Otoni - MG - tipocopias@tipocopias.com.br

experimente

Tradicional

Extraforte



É mais puro e rende mais!

mucuri@uol.com.br • Tel.: 3522.5260